ISSN em línea 1688-4221

Ciencias Psicológicas janeiro-junho 2026; 20(1), e-4620
DOI: 10.22235/cp.v20i1.4620

Estilos de apego inseguro dos pais e sintomas psicológicos clínicos dos filhos adolescentes: o papel mediador da coparentalidade

Parental Insecure Attachment Styles and Clinical Psychological Symptoms in Adolescent Children: The Mediating Role of Coparenting

Estilos de apego inseguro de los padres y síntomas psicológicos clínicos en hijos adolescentes: el papel mediador de la coparentalidad

Clarisse Pereira Mosmann
Luiza Dalla Corte Euzebio
Ana Laura Ceccato Santini
Larissa Enriconi Benini
Gabriel da Silva Marques
Tainá Vitória Picolotto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Recebido: 24/05/2025
Aceito: 18/05/2026

Correspondência
Clarisse Pereira Mosmann
clarissepm@unisinos.br

Como citar: Mosmann, C. P., Euzebio, L. D. C., Ceccato Santini, A. L., Benini, L. E., da Silva Marques, G., & Vitória Picolotto, T. (2026). Estilos de apego inseguro dos pais e sintomas psicológicos clínicos dos filhos adolescentes: o papel mediador da coparentalidade. *Ciencias Psicológicas*, *20*(1), e-4620. https://doi.org/10.22235/cp.v20i1.4620

Disponibilidade de dados: O conjunto de dados que embasa os resultados deste estudo não está disponível.

Financiamento: Este estudo foi financiado pela bolsa de produtividade CNPq (Processo: 310940/2020-6).

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Resumo: Construir relacionamentos sociais é uma tarefa central no desenvolvimento adulto. Segundo a Teoria do Apego, essa base é formada nas interações precoces com cuidadores. Os estilos de apego ansioso e evitativo em adultos podem prejudicar a qualidade da coparentalidade, gerando conflitos e impactando negativamente o ambiente familiar. Como esses fatores se associam ao desenvolvimento de sintomas emocionais e comportamentais em adolescentes, este estudo investigou a relação entre estilos de apego dos pais e sintomas psicológicos clínicos dos filhos, analisando o papel mediador da coparentalidade. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, explicativa e transversal, realizada com 217 responsáveis por adolescentes de 12 a 16 anos selecionados por conveniência. Os participantes responderam a instrumentos validados sobre estilos de apego, coparentalidade e sintomas dos filhos. A análise foi conduzida por modelagem de equações estruturais. Os resultados indicaram associações entre apego adulto, coparentalidade e sintomas psicológicos dos adolescentes, com destaque para a mediação parcial da coparentalidade nessa relação. O modelo apresentou bons índices de ajuste e revelou forte impacto da evitação no apego e do suporte coparental. O estudo destaca a relevância da coparentalidade e aponta para a necessidade de intervenções preventivas voltadas à saúde emocional familiar.
Palavras-chave: estilo de apego; coparentalidade; sintomas psicológicos; adolescência; modelagem de equações estruturais

Abstract: Building social relationships is a central task in adult development. According to Attachment Theory, this foundation is formed in early interactions with caregivers. Anxious and avoidant adult attachment styles can impair the quality of coparenting, generating conflict and negatively impacting the family environment. As these factors are associated with the development of emotional and behavioral symptoms in adolescents, this study investigated the relationship between parental attachment styles and adolescents' clinical psychological symptoms, analyzing the mediating role of coparenting. This is a quantitative, explanatory, and cross-sectional study conducted with 217 caregivers of adolescents aged 12 to 16 years, selected by convenience. Participants completed validated instruments on attachment styles, coparenting, and children's symptoms. Data were analyzed using structural equation modeling. Results indicated associations between adult attachment, coparenting, and adolescents' psychological symptoms, with coparenting acting as a partial mediator in this relationship. The model showed good fit indices and revealed a strong impact of avoidant attachment and coparenting support. This study highlights the relevance of coparenting and underscores the need for preventive interventions focused on promoting emotional health in families.
Keywords: attachment style; coparenting; psychological symptoms; adolescence; structural equation modeling

Resumen: Establecer relaciones sociales es una tarea central en el desarrollo adulto. Según la teoría del apego, esta base se forma en las interacciones tempranas con los cuidadores. Los estilos de apego ansioso y evitativo en adultos pueden perjudicar la calidad de la coparentalidad, al generar conflictos e impactar negativamente en el ambiente familiar. Dado que estos factores se asocian con el desarrollo de síntomas emocionales y conductuales en adolescentes, este estudio investigó la relación entre los estilos de apego de los padres y los síntomas psicológicos clínicos de los hijos, analizando el papel mediador de la coparentalidad. Se trata de un estudio cuantitativo, explicativo y transversal, realizado con 217 responsables de adolescentes de 12 a 16 años, seleccionados por conveniencia. Los participantes respondieron a instrumentos validados sobre estilos de apego, coparentalidad y síntomas de los hijos. El análisis se realizó mediante modelado de ecuaciones estructurales. Los resultados indicaron asociaciones entre apego adulto, coparentalidad y síntomas psicológicos de los adolescentes, se destaca la mediación parcial de la coparentalidad en esta relación. El modelo mostró buenos índices de ajuste y un fuerte impacto del apego evitativo y el apoyo coparental. El estudio destaca la relevancia de la coparentalidad y la necesidad de intervenciones preventivas orientadas a la salud emocional familiar.
Palabras clave: apego adulto; coparentalidad; síntomas psicológicos; adolescencia; modelado de ecuaciones estructurales

Construir e manter relacionamentos interpessoais constitui uma das tarefas centrais do desenvolvimento humano ao longo da vida adulta. Essa competência social começa a se desenvolver desde as primeiras interações estabelecidas na infância. De acordo com a Teoria do Apego (Bowlby, 1973), as experiências relacionais precoces colaboram para a construção da personalidade e influenciam escolhas pessoais, expectativas e respostas comportamentais ao longo da vida (Fraley & Shaver, 2021). O apego adulto nos relacionamentos passou a ser amplamente investigado a partir dos trabalhos de Hazan e Shaver (1987) e Bartholomew e Horowitz (1991), os quais propuseram que os relacionamentos afetivos variam de acordo com os padrões de apego desenvolvidos nas experiências iniciais com os cuidadores.

A partir dessas experiências relacionais precoces, desenvolvem-se padrões internos de funcionamento que orientam expectativas, comportamentos e formas de regulação emocional nos relacionamentos ao longo da vida. Esses padrões organizam-se em estilos de apego classificados, de forma geral, em apego seguro e apego inseguro, sendo este último subdividido em apego evitativo e apego ansioso. O estilo evitativo refere-se ao desconforto com a proximidade emocional e a interdependência, favorecendo comportamentos de distanciamento e autossuficiência. Já o estilo ansioso caracteriza-se pelo medo de rejeição e abandono, associado à insegurança em relação ao próprio valor e à estabilidade dos relacionamentos. Em geral, indivíduos com estilos de apego evitativo ou ansioso apresentam menor satisfação conjugal e maior frequência de conflitos e rupturas relacionais. Por outro lado, indivíduos com baixos níveis nessas dimensões tendem a apresentar padrões mais seguros de apego e relações afetivas mais satisfatórias (Collins & Read, 1990; Costa & Mosmann, 2020).

A partir disso, diferentes estudos passaram a investigar a associação entre os estilos de apego dos pais e o ajustamento emocional e comportamental dos filhos (Bifulco et al., 2009; Cowan et al., 2009). Uma revisão sistemática com metanálise conduzida por Kim et al. (2021), que sintetizou 1.091 estudos sobre apego ansioso e evitativo, identificou que padrões inseguros de apego parental estiveram associados à ansiedade nos filhos, maiores dificuldades interpessoais, menores níveis de autonomia psicológica promovida pelos pais e visão negativa de si mesmos. De forma semelhante, uma pesquisa realizada no México (Fuentes-Balderrama et al., 2023) identificou associações entre apego inseguro parental e problemas emocionais e comportamentais em filhos. Os resultados evidenciaram que o apego das mães esteve associado aos comportamentos internalizantes dos filhos e, indiretamente, aos comportamentos externalizantes. Além disso, o apego evitativo paterno apresentou associação com sintomas internalizantes nos filhos.

A adolescência corresponde a um período do desenvolvimento marcado por intensas transformações emocionais, cognitivas, sociais e relacionais. Trata-se de uma fase de maior vulnerabilidade para o surgimento de sintomas internalizantes e externalizantes, além de mudanças importantes nas dinâmicas familiares e nas relações entre cuidadores e filhos. Estudos recentes também têm destacado o impacto de fatores contemporâneos, como o aumento do uso de tecnologias digitais (Orben & Blakemore, 2023) e estressores pós-pandemia (Racine et al., 2021), sobre a saúde mental de adolescentes, reforçando a importância de investigações voltadas a essa etapa do ciclo vital (Orben, 2020; Sawyer et al., 2018).

A partir da compreensão de que o apego desenvolvido ao longo da infância pode se relacionar aos comportamentos e formas de interação na vida adulta, entende-se que a maneira como os pais educam e se articulam no cuidado dos filhos também é influenciada pelos padrões de apego vivenciados ao longo da vida. Esse processo relacional pode ser compreendido a partir do conceito de coparentalidade (Feinberg, 2003; Margolin et al., 2001).

A coparentalidade pode ser entendida como o envolvimento mútuo e conjunto de dois cuidadores adultos nas tarefas de criação e cuidado da criança ou adolescente (Feinberg, 2003). Ela pode ocorrer em diferentes configurações familiares, incluindo famílias nucleares, divorciadas, heteroafetivas e homoafetivas, além de contextos em que os cuidadores não são necessariamente um casal ou os pais biológicos da criança (Marsanic & Kusmic, 2013).

Feinberg (2003) propõe que a coparentalidade é composta pelas dimensões de acordo/desacordo, suporte/competição, divisão de trabalho e manejo conjunto das relações familiares. Essas dimensões envolvem aspectos relacionados aos valores e práticas parentais, ao apoio ou hostilidade entre os cuidadores, à divisão de responsabilidades parentais e à maneira como a dupla administra as interações e comunicações familiares.

Em articulação aos estilos de apego, estudos demonstraram que o apego seguro está associado a maior cooperação coparental, enquanto altos níveis de apego ansioso e evitativo se relacionam a maiores níveis de conflito e desacordo coparental (Talbot et al., 2009; Young et al., 2017). O apego também é apontado como um importante correlato da qualidade da coparentalidade, especialmente quando considerados níveis elevados de apego evitativo (Noftle & Shaver, 2006). Pais com altos níveis de apego ansioso e evitativo tendem a apresentar maiores dificuldades na manutenção de um ambiente coparental coeso e harmonioso, além de mais conflitos na relação coparental (Iwanski et al., 2023; McRae et al., 2021; Young et al., 2017).

A coparentalidade também tem sido associada aos problemas emocionais e comportamentais dos filhos (Feinberg, 2003; Laxman et al., 2013; Margolin et al., 2001; Stright & Bales, 2003; Zvara et al., 2019). Nesse sentido, estudos identificaram relações entre dimensões negativas da coparentalidade e o desenvolvimento de sintomas internalizantes e externalizantes em crianças e adolescentes (Benini et al., 2025; Machado & Mosmann, 2020; Mosmann et al., 2017; Pan et al., 2025). Uma metanálise realizada por Zhao et al. (2022), envolvendo 93 estudos e 41.207 participantes de diferentes países, identificou associações significativas entre comportamentos coparentais e sintomas internalizantes e externalizantes em crianças e adolescentes, reforçando a relevância da coparentalidade como um importante contexto relacional associado ao ajustamento emocional e comportamental infantojuvenil. Os sintomas externalizantes referem-se a comportamentos agressivos, impulsividade, envolvimento frequente em conflitos e dificuldades no seguimento de regras. Já os sintomas internalizantes incluem manifestações como ansiedade, sintomas depressivos e queixas somáticas (Machado & Mosmann, 2020). Embora a literatura frequentemente enfatize sintomas internalizantes e externalizantes como indicadores de ajustamento infantil, competências socioemocionais positivas, como comportamento pró-social, também constituem dimensões relevantes do funcionamento psicológico e podem ser influenciadas pela qualidade das relações familiares e coparentais (Benini et al., 2025; Pan et al., 2025).

Embora estudos internacionais tenham investigado associações entre apego, coparentalidade e ajustamento infantil e adolescente (Feinberg, 2003; Margolin et al., 2001; McHale & Lindahl, 2011; Riina et al., 2020), pesquisas que integrem estilos de apego parental, coparentalidade e sintomas psicológicos em filhos adolescentes ainda são limitadas, especialmente no contexto brasileiro. No Brasil, os estudos têm se concentrado principalmente nas associações entre coparentalidade e ajustamento emocional e comportamental de crianças e adolescentes (Benini et al., 2025; Machado & Mosmann, 2020; Mosmann et al., 2017), com menor exploração de como características relacionais dos pais, como os estilos de apego, podem influenciar indiretamente os sintomas psicológicos dos filhos por meio da dinâmica coparental. Considerando essas lacunas, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre os estilos de apego dos pais e os sintomas psicológicos clínicos em filhos adolescentes, examinando o papel mediador da coparentalidade.

Método

O presente estudo caracteriza-se como quantitativo, explicativo e transversal (Gil, 2019).

Participantes

O número mínimo de respondentes necessários para a pesquisa foi calculado e definido em 200 participantes, a fim de possibilitar o emprego da Modelagem de Equações Estruturais, conforme os parâmetros propostos por Hair et al. (2009). O presente estudo contou com a participação de 217 brasileiros(as), selecionados(as) por conveniência (Gil, 2019). Como critério de inclusão, os participantes deveriam compartilhar o cuidado de um(a) adolescente de 12 a 16 anos com outro(a) adulto(a), exercendo funções relacionadas à coparentalidade. A coparentalidade era exercida principalmente com companheiros(as) conjugais, incluindo casais casados, em união estável, separados e divorciados que compartilhavam responsabilidades relacionadas ao cuidado dos(as) adolescentes.

A amostra caracterizou-se predominantemente por participantes do gênero feminino (89,3 %), seguidos pelo gênero masculino (10,7 %), com média de idade de 44,84 anos (*DP* = 7,38). Os participantes residiam majoritariamente no Rio Grande do Sul (90,3 %), havendo também respondentes de Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Em relação à escolaridade, observou-se predominância de participantes com pós-graduação (36,7 %), seguidos de ensino médio completo (17,2 %), ensino superior incompleto (15,8 %), ensino superior completo (14,9 %), ensino médio incompleto (6 %), ensino técnico (4,7 %) e ensino fundamental completo e incompleto (2,3 %).

Em relação aos adolescentes, a média de idade foi de 12,65 anos. Quanto ao gênero, 39,3 % foram identificados como feminino, 30,8 % como masculino e 1 % como outros. Parte dos participantes não respondeu a essa variável, motivo pelo qual os percentuais não totalizam 100 %. Em relação à raça/cor, a maioria dos(as) adolescentes foi identificada como branca (60,5 %), seguida por parda (7,3 %) e preta (2,4 %), havendo também dados omissos nessa variável.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Elaborado pelos pesquisadores para o presente estudo, apresenta 28 perguntas relacionadas com: gênero, escolaridade, idade, situação conjugal, religião, local de residência, tratamentos prévios, número de filhos, situação socioeconômica etc. Quatro perguntas destinam-se ao reconhecimento do gênero, idade e raça do (a) adolescente escolhido (a) para a pesquisa. Esse questionário auxiliou a caracterizar a amostra em estudo.

Avaliação do Estilo de Apego. Empregou-se o ECR-R-Brasil (Experience in Close Relationship; Wei et al., 2007) na versão brasileira (Natividade & Shiramizu, 2015). A escala conta com 10 itens, relacionados às emoções e sentimentos presentes nos relacionamentos amorosos e/ou sexuais, cinco deles referem-se à ansiedade relacionada ao apego e outros cinco deles referem-se à evitação relacionada ao apego. Os itens utilizam uma escala que varia de 1 (*discordo totalmente*) até 7 (*concordo totalmente*). Por exemplo: "Ajuda muito poder contar com meu (minha) companheiro (a) em momentos de necessidade". Apresenta consistência interna adequada (alfa de Cronbach 0,72). Ao realizar a análise fatorial confirmatória, excluímos dois itens que apresentaram multicolinearidade, garantindo melhor ajuste do modelo. A exclusão desses itens melhora a qualidade do modelo, evitando redundâncias e instabilidades estatísticas. A análise fatorial indicou bom ajuste do modelo, com índices dentro dos parâmetros recomendados (CMIN/DF = 2,02; GFI = 0,95; CFI = 0,92; TLI = 0,89), confirmando a adequação da estrutura teórica da escala.

Avaliação da Coparentalidade. Utilizou-se a ERC (Coparenting Relationship Scale; Feinberg et al., 2012) na versão brasileira (Escala de Relação Coparental; Carvalho et al., 2018). Composto por 35 itens que estão divididos em sete subescalas, são elas: Acordo Coparental, Proximidade Coparental, Exposição ao Conflito, Suporte Coparental, Competição Coparental, Aprovação Coparental e Divisão do Trabalho. Os itens utilizam uma escala de frequência que varia do 0 (*não é verdadeiro sobre nós*) até o 6 (*muito verdadeiro sobre nós*). Exemplo de item: "Eu acredito que o meu companheiro é um bom pai. / Eu acredito que a minha companheira é uma boa mãe". Apresentou consistência interna satisfatória, com alfa de Cronbach variando entre 0,60 e 0,88 nas subescalas. Nesse estudo, o fator divisão de trabalho apresentou carga fatorial baixa ou não significativa nos itens, que foi excluído para melhor ajuste do modelo. O mesmo já ocorreu nos estudos de Lee et al. (2020) e Costa e Figueiredo (2019). Os autores referem que a dimensão "divisão de trabalho" pode não ser universalmente aplicável ou mensurável em diferentes contextos culturais, levando pesquisadores a ajustarem a escala para melhor adequação às

populações estudadas. A análise fatorial confirmatória indicou ajuste aceitável do modelo para pesquisas em ciências sociais, sendo o CMIN/DF = 2,72, CFI = 0,82, TLI = 0,80 e RMSEA = 0,089.

Avaliação dos Sintomas Psicológicos em Adolescentes (Strengths and Difficulties Questionnaire, SDQ; Goodman, 1997). O SDQ avalia o funcionamento socioemocional de crianças e adolescentes entre 2 e 17 anos e apresenta três versões: para pais, professores e autorrelato (a partir dos 11 anos). A versão brasileira foi traduzida e validada por Fleitlich et al. (2000). Neste estudo, foi utilizada a versão para pais, composta por 25 itens distribuídos em cinco escalas: problemas de conduta, sintomas emocionais, hiperatividade, problemas de relacionamento com pares e comportamento pró-social. As quatro primeiras escalas avaliam dificuldades emocionais e comportamentais e podem ser agrupadas em dimensões internalizantes e externalizantes. Pontuações mais elevadas indicam maior nível de dificuldades. Já a escala de comportamento pró-social avalia capacidades relacionadas às interações sociais positivas, empatia e comportamentos de ajuda, sendo que pontuações mais altas indicam maior repertório pró-social. Embora essa subescala não represente sintomas internalizantes ou externalizantes, ela foi incluída no presente estudo por possibilitar uma avaliação mais abrangente do ajustamento socioemocional infantil, considerando não apenas a redução de dificuldades, mas também possíveis mudanças em competências sociais positivas associadas ao contexto familiar e coparental.O escore total de dificuldades é calculado a partir da soma das quatro escalas de dificuldades, excluindo comportamento pró-social, podendo variar de 0 a 40. A pontuação geral pode ser considerada válida quando ao menos 12 dos 20 itens relevantes forem respondidos. Estudos com a versão brasileira apontam coeficiente de Cronbach próximo de 0,80, indicando boa consistência interna (Saur & Loureiro, 2012).

Procedimentos para coleta de dados

Os participantes foram selecionados por conveniência, buscando atingir o efeito "bola de neve" por meio do compartilhamento da pesquisa em mídias sociais (Instagram, Facebook, e-mail e WhatsApp), além da divulgação em ambientes escolares e de trabalho. A coleta de dados ocorreu de duas formas: online, por meio da plataforma Google Forms, e presencial. Na modalidade online, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do preenchimento dos instrumentos e puderam entrar em contato com a equipe de pesquisa em caso de dúvidas ou desconfortos relacionados à participação. Na modalidade presencial, os instrumentos foram entregues aos participantes em escolas do Rio Grande do Sul e posteriormente respondidos em casa, sendo devolvidos em momento posterior aos pesquisadores. Nessa modalidade, os participantes também receberam orientações sobre os objetivos da pesquisa, preenchimento dos instrumentos e formas de contato com a equipe em caso de dúvidas. Em ambas as modalidades, foram assegurados o caráter voluntário da participação, a confidencialidade das informações e o direito à desistência a qualquer momento da pesquisa.

Análise de dados

A análise de dados deu-se através do software estatístico Statistical Package for Social Sciences 22.0 (IBM SPSS), considerando nível de significância de 5 % ($p < 0,05$). Verificou-se as propriedades psicométricas dos instrumentos utilizados (confiabilidade e validade). Todos se apresentaram fidedignos e válidos. Além disso, avaliou-se os supostos paramétricos (variável dependente, independente, tamanho amostral e normalidade). Identificou-se grau de normalidade para as variáveis do estudo.

Para o cálculo das respostas faltantes (*missing*), foi empregada a *Expected Maximization* (Maximização Esperada). Identificou-se um *missing* completamente aleatório através do Teste MCar de Little (Little, 1988). Para a análise descritiva, foi escolhida a média e o desvio-padrão, contribuindo para o conhecimento sobre cada variável do estudo. Também se fez o teste de correlação de Pearson para identificar os níveis de correlação entre as variáveis do estudo.

A Modelagem de Equações Estruturais se deu através da expansão do SPSS 22.0 (IBM SPSS Amos). Foi analisado o valor preditivo do apego e da coparentalidade dos pais nos sintomas psicológicos de filhos (as) adolescentes. Concomitantemente, avaliou-se o papel mediador da coparentalidade entre o apego adulto e os sintomas psicológicos em filhos (as) adolescentes. A estimação foi realizada pelo método *Maximum Likelihood.* Os índices de ajuste/adequação do modelo utilizados foram: qui-quadrado/ graus de liberdade (χ^2/gl) - indicador de bom ajuste abaixo de cinco; Root Mean Square Error

of Approximation (RMSEA), indicador de bom ajuste menor do que 0,10; e medida de ajuste incremental —Comparative Fit Index (CFI)— indicador de bom ajuste maior do que 0,90 (Hair et al., 2009).

Considerações Éticas

A pesquisa segue as diretrizes e normas regulamentadoras da realização de estudos com seres humanos, consoante a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Foi submetida e aprovada em 18 de março de 2021 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CEP- Unisinos) (CAAE: 43697020.0.0000.5344).

Resultados

Análise descritiva e correlações de pearson

Para as variáveis de apego, coparentalidade e sintomas psicológicos em filhos(as) adolescentes, bem como suas respectivas dimensões, foram realizados cálculos de análise descritiva, considerando os escores médios das subescalas e os desvios-padrão. A Tabela 1 apresenta os resultados descritivos das variáveis investigadas.

Tabela 1

Análise descritiva

Variável	Dimensões	Escores Médios	Desvio-padrão
Apego adulto	Fator ansiedade	16.02	6.46
	Fator evitação	11.91	5.06
Coparentalidade	Acordo coparental	17.06	5.37
	Proximidade coparental	22.82	6.07
	Exposição ao conflito	6.02	6.16
	Suporte coparental	27.01	8.64
	Competição coparental	6.14	6.86
	Aprovação coparental	28.58	6.67
Sintomas psicológicos em adolescentes	Sintomas emocionais	3.93	3.15
	Problemas de conduta	2.13	1.98
	Hiperatividade	3.34	2.68
	Problemas de relacionamento	2.13	2.25
	Comportamento Pró-Social	8.23	2.07

Nota. Os valores apresentados referem-se aos escores das dimensões e subescalas dos instrumentos utilizados, e não às médias individuais dos itens.

Conforme apresentado na Tabela 1, observam-se maiores escores nas dimensões positivas da coparentalidade, especialmente em suporte coparental e aprovação coparental. Em relação aos sintomas psicológicos dos(as) adolescentes, destacaram-se maiores escores em sintomas emocionais e hiperatividade. A análise de correlação de Pearson foi selecionada, pois identificou-se distribuição aproximadamente normal dos dados por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov. A Tabela 2 apresenta a matriz de correlação entre as variáveis investigadas.

A análise de correlação de Pearson indicou associações significativas entre as dimensões da coparentalidade, apego adulto e sintomas psicológicos dos(as) adolescentes. Observou-se que dimensões positivas da coparentalidade, como suporte e aprovação coparental, estiveram associadas a menores níveis de sintomas psicológicos, enquanto dimensões negativas, como competição coparental e exposição ao conflito, apresentaram associações positivas com dificuldades emocionais e comportamentais.

Tabela 2

Matriz de correlação

	1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**
1. Fator ansiedade	-	.175**	-.310**	-.249**	.281**	-.290**	.388**	-.261**	.204**	.198**	.067	.219**	-.284**
2. Fator evitação		-	-.455**	-.486**	.220**	-.499**	.457**	-.565**	.179**	.131	.077	.216**	-.215**
3. Acordo coparental			-	.621**	-.506**	.585**	-.661**	.611**	-.247**	-.320**	-.158*	-.306**	.276**
4. Proximidade coparental				-	-.299**	.762**	-.489**	.670**	-.245**	-.302**	-.189**	-.304**	.275**
5. Exposição ao conflito					-	-.377**	.564**	-.379**	.305**	.313**	.189**	.315**	-.223**
6. Suporte coparental						-	-.552**	.767**	-.239**	-.279**	-.175**	-.291**	.321**
7. Competição coparental							-	-.561**	.234**	.278**	.141*	.287**	-.272**
8. Aprovação coparental								-	-.227**	-.236**	-.170*	-.270**	.327**
9. Sintomas emocionais									-	.427**	.480**	.495**	-.290**
10. Problemas de conduta										-	.496**	.399**	-.454**
11. Hiperatividade											-	.397**	-.331**
12. Problemas de relacionamento												-	-.503**
13. Comportamento pró-social													-

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Modelagem de equações estruturais

A modelagem de equações estruturais foi realizada para examinar o papel mediador da coparentalidade na relação entre apego adulto e sintomas psicológicos em filhos (as) adolescentes. A qualidade do ajuste do modelo foi avaliada por diferentes índices estatísticos.

Os resultados revelaram um qui-quadrado (χ^2) de 104,311 (gl = 58, p < 0,001), indicando um ajuste moderado. O índice de ajuste comparativo (CFI) alcançou 0,961, enquanto o índice Tucker-Lewis (TLI) foi de 0,948. O erro médio de aproximação quadrática da raiz (RMSEA) apresentou um valor de 0,061, com um intervalo de confiança de 90 % entre 0,042 e 0,079, sugerindo um ajuste aceitável aos dados.

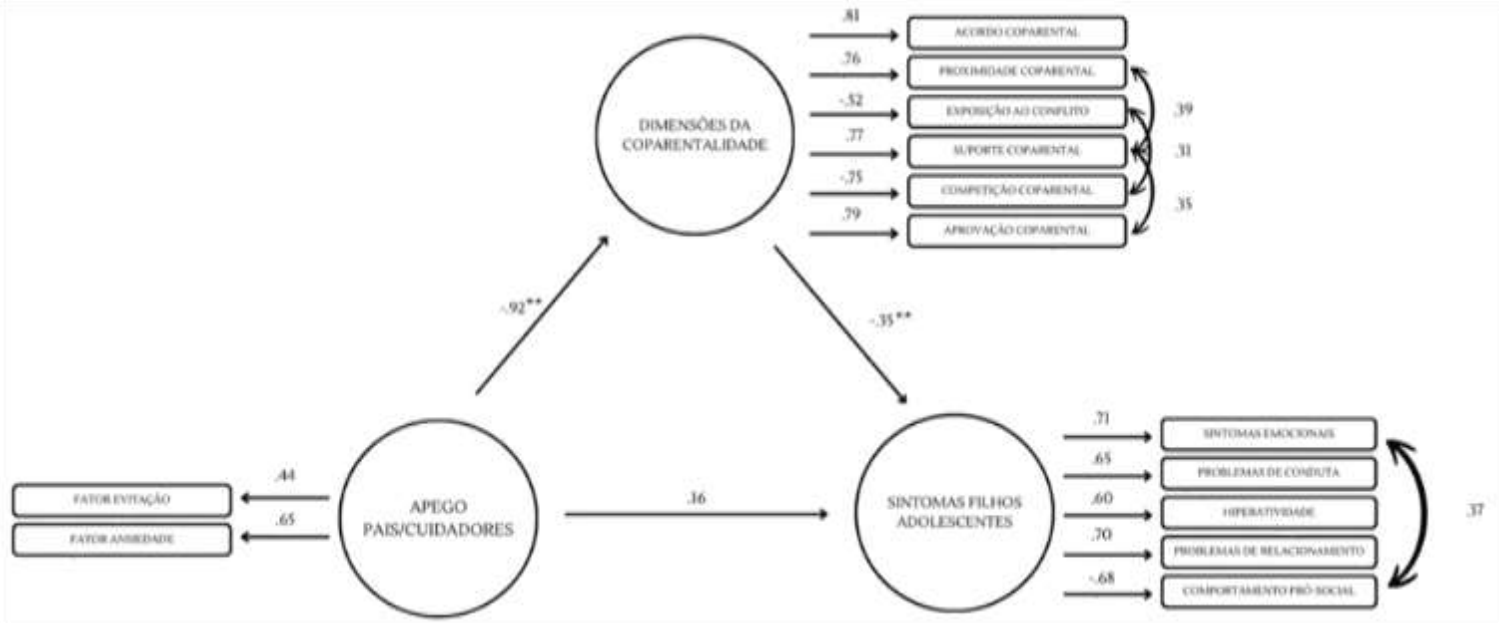
Entre os fatores que mais explicaram as variáveis latentes, destacou-se o fator evitação, que mais contribuiu para a variável latente apego adulto, com uma carga fatorial padronizada de 0,649. Já na coparentalidade, os itens ressaltados foram acordo coparental (0,812), aprovação coparental (0,794) e suporte coparental (0,769). No que diz respeito aos sintomas psicológicos dos adolescentes, os fatores com maior carga foram sintomas emocionais (0,708) e problemas de relacionamento (0,697), indicando sua maior contribuição para os sintomas psicológicos em filhos adolescentes.

A análise das cargas fatoriais padronizadas mostrou que todos os indicadores possuíam valores acima de 0,50. A coparentalidade foi inserida como um preditor adicional para os sintomas psicológicos dos adolescentes, além do apego adulto. Com isso, observou-se que a influência direta do apego adulto sobre os sintomas psicológicos foi reduzida significativamente (Hair et al., 2009). A avaliação das associações indiretos demonstrou que a relação entre apego adulto e sintomas psicológicos dos filhos foi parcialmente mediada pela coparentalidade (β = -0,35), reforçando a relevância desse fator na dinâmica parento-filial. A análise das associações totais evidenciou que a associação global do apego adulto nos sintomas psicológicos dos filhos foi de β = 0,485.

A análise das associações diretas apontou um impacto negativo e significativo do apego adulto sobre a coparentalidade (β = -0,920, p < 0,001). Além disso, a coparentalidade apresentou uma associação negativa e moderado sobre os sintomas psicológicos dos adolescentes (β = -0,350, p < 0,001). Entretanto, a relação direta entre apego adulto e sintomas psicológicos foi fraca e não significativa (β = 0,162), sugerindo que essa associação ocorre predominantemente por meio de caminhos indiretos. A Figura 1 apresenta o modelo estrutural final obtido.

Figura 1

Modelo de equações estruturais



****p* < 0,001

Discussão

A avaliação da composição das variáveis latentes do modelo de interação, considerando os escores médios e os índices de correlação, aponta para uma amostra composta principalmente por participantes com apego evitativo. Esta predominância contribuiu para a construção da variável latente de apego dos pais. O apego evitativo está associado a menor ajustamento conjugal, relacionando-se a menores níveis de cooperação da dupla e maiores níveis de conflito coparental (Costa & Mosmann, 2020; Young et al., 2017). Evidências também demonstram que mães com menor apego evitativo tendem a apresentar mais confiança no pai do filho e menos conflitos nas relações de coparentalidade (Sheftall et al., 2020).

Por outro lado, a variável coparentalidade foi predominantemente composta por dimensões positivas. Destaca-se a magnitude da associação negativa entre a variável latente apego dos pais e a coparentalidade, indicando que maiores níveis de apego evitativo estiveram associados a pior qualidade da coparentalidade. Esse achado também foi identificado em estudos anteriores, como os de Chen et al. (2017), Kolak e Volling (2007), Young et al. (2017), e Zemp et al. (2017), os quais apontam que pais com apego seguro tendem a apresentar melhores relações coparentais. No presente estudo, essa associação ocorreu pela via negativa: quanto maiores os níveis de apego evitativo, menores os níveis de suporte e aproximação coparental.

A associação negativa entre coparentalidade e sintomas psicológicos observada no presente estudo sugere que menores níveis de qualidade coparental estiveram relacionados a maiores níveis de sintomas clínicos nos filhos. Esses achados são consistentes com evidências prévias da literatura internacional. Zhao et al. (2022), em uma metanálise envolvendo 93 estudos e 41.207 participantes de diferentes países, identificaram associações significativas entre comportamentos coparentais e problemas internalizantes e externalizantes em crianças e adolescentes. Os resultados do presente estudo ampliam essas evidências ao demonstrar que tais associações também podem ser observadas em famílias brasileiras com adolescentes.

Entre os principais resultados deste estudo encontra-se a mediação parcial da coparentalidade na relação entre apego ansioso e evitativo e os sintomas psicológicos dos filhos. Ao inserir a coparentalidade como variável mediadora, observou-se redução da associação direta entre apego dos pais e sintomas psicológicos dos filhos, indicando mediação parcial dessa relação (Hair et al., 2009). Estudos de intervenção em coparentalidade também têm identificado associações relevantes entre melhora da relação coparental e bem-estar emocional dos filhos (Euzebio & Mosmann, 2023; Jones et al., 2021; Tomfohr-Madsen et al., 2020), bem como dos próprios pais (Jones et al., 2021; Nunes et al., 2021). Esses achados contribuem para a compreensão dos sintomas psicológicos em adolescentes, acrescentando o papel da relação coparental na interação entre apego parental e saúde mental dos filhos.

Considerando especificamente a adolescência, trata-se de uma fase do desenvolvimento marcada por intensas transformações emocionais, cognitivas e relacionais, caracterizada por maior busca de autonomia, reorganização dos vínculos familiares e maior vulnerabilidade para sintomas internalizantes e externalizantes (Papalia & Martorell, 2021; Sawyer et al., 2018). Nesse contexto, dificuldades na qualidade das relações coparentais podem impactar de maneira mais intensa o ajustamento emocional dos adolescentes, especialmente diante das mudanças próprias desse período do ciclo vital.

Quando um dos integrantes do casal apresenta um estilo de apego evitativo, desenvolvido a partir de experiências precoces com os cuidadores, esse padrão pode refletir-se negativamente na coparentalidade, especialmente pela escassez de suporte e pela intensificação da competição entre os cuidadores. Essa dinâmica relaciona-se à tendência à autossuficiência, característica de indivíduos com apego evitativo (Young et al., 2017), marcada pela evitação de dependência e preferência por lidar sozinhos com situações emocionais, inclusive nas relações íntimas. Tal inclinação pode contribuir para dificuldades em oferecer e buscar apoio nas tarefas compartilhadas da parentalidade.

Além disso, a presença de um cuidador com esse estilo pode enfraquecer dimensões importantes da coparentalidade, como suporte mútuo, estabilidade emocional e construção de um ambiente relacional seguro. A indisponibilidade afetiva e a postura distante podem dificultar a cooperação entre os cuidadores, gerando frustração e insegurança, sobretudo quando o outro cuidador apresenta um estilo de apego ansioso, caracterizado por maior necessidade de segurança emocional. Como

consequência, aumentam os conflitos e a competição coparental (Simpson, 1990; Zhang, 2024), o que também pode repercutir nos filhos, dificultando o desenvolvimento de habilidades pró-sociais e a expressão adequada de necessidades emocionais.

É importante considerar que o estudo foi realizado durante a pandemia de Covid-19, período marcado por maiores níveis de estresse na população geral (Freisthler et al., 2021), aspecto que pode ter influenciado os resultados encontrados. Além disso, a amostra apresentou níveis de escolaridade superiores aos observados na população geral, o que demanda cautela na interpretação dos resultados e limita sua generalização para outros contextos sociodemográficos. Embora a modelagem de equações estruturais permita testar relações entre variáveis com base em modelos teóricos, o delineamento transversal do estudo não permite inferências causais. Assim, os resultados devem ser interpretados como associações consistentes com o modelo teórico proposto.

Em síntese, os resultados obtidos demonstram a relevância das interações entre cuidadores e filhos, bem como do estilo de apego e da qualidade da relação coparental, para a compreensão dos sintomas psicológicos clínicos em adolescentes. Esses achados reforçam resultados encontrados em pesquisas relacionais realizadas no contexto brasileiro (Euzebio & Mosmann, 2023; Machado & Mosmann, 2020; Mosmann et al., 2018).

Considerações finais

Esse estudo teve como objetivo investigar a relação entre o estilo de apego adulto, a presença de sintomas clínicos nos (as) filhos (as) adolescentes e o papel mediador da coparentalidade. Os resultados indicam que, quando consideramos a presença de sintomas psicológicos clínicos em adolescentes, há um papel relevante das interações entre cuidadores e filhos, bem como o estilo de apego e qualidade da relação coparental. Os resultados sugerem o papel mediador da coparentalidadedos entre os estilos de apego evitativo e ansioso nos cuidadores e os sintomas psicológicos clínicos dos filhos adolescentes. Isso acrescenta na literatura uma importante variável relacional a ser considerada quando avalia-se a interação entre o apego dos pais e os sintomas psicológicos dos filhos.

Nesse sentido, compreende-se que a qualidade das relações coparentais nas famílias é um fator importante para os sistemas de saúde. Trata-se de uma variável relacional que interfere nos desfechos sintomáticos ou não dos filhos, merecendo ser foco de atenção. Assim, intervir preventivamente na interação coparental pode auxiliar no desenvolvimento de relações familiares mais funcionais e saudáveis do ponto de vista psicológico e emocional, mesmo na presença de padrões de apego evitativo dos cuidadores.

Considera-se que o estudo apresenta algumas limitações já apontadas. Além disso, em relação a metodologia, entende-se que o delineamento transversal compreende um cenário focal. Assim, uma pesquisa longitudinal poderia acrescentar testes que consideram relações temporais entre os constructos avaliados e a ordem cronológica das variáveis. Sugere-se que em estudos futuros esses fatores sejam considerados.

Referências

Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244. https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226

Benini, L. E., Euzebio, L. D. C., & Mosmann, C. P. (2025). Personality, co-parenting, and psychological symptoms in adolescent children. *Paidéia (Ribeirão Preto), 35*, e3509. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3509

Bifulco, A., Moran, P., Jacobs, C., & Bunn, A. (2009). Problem partners and parenting exploring linkages with maternal insecure attachment style and adolescent offspring internalizing disorder. *Attachment & Human Development*, *11*(1), 69-85. https://doi.org/10.1080/14616730802500826

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. II. Separation: anxiety and anger*. Basic Books.

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016: Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. Diário Oficial da União.

Carvalho, T. R., Barham, E. J., Souza, C. D., Böing, E., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Cross-cultural adaptation of an instrument to assess coparenting: Coparenting Relationship Scale. *Psico-usf*, *23*(2), 215-227. https://doi.org/10.1590/1413-82712018230203

Chen, H. H., Liang, Y. C., Gapp, S. C., Newland, L. A., Giger, J. T., & Lin, C. Y. (2017). Direct and indirect links between the couple relationship and child school outcomes. *The Journal of Experimental Education*, *85*(4), 658-673. https://doi.org/10.1080/00220973.2017.1279115

Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58*(4), 644-663. https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644

Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2020). Aspects of the marital relationship that characterize secure and insecure attachment in men and women. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e190045. https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190045

Costa, P. A., & Figueiredo, I. Q. G. (2019). Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) em uma amostra comunitária de pais e mães portugueses. *Revista Psicologia*, *33*(1), 236-248. https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i1.1598

Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Mehta, N. (2009). Adult attachment, couple attachment, and children's adaptation to school: An integrated attachment template and family risk model. *Attachment & Human Development*, *11*(1), 29-46. https://doi.org/10.1080/14616730802500222

Euzebio, L., & Mosmann, C. (2023). A coparentalidade como mediadora entre a desregulação emocional de mães e a percepção da regulação emocional de seus filhos adolescentes. *Ciências Psicológicas*, *17*(1), e-2583. https://doi.org/10.22235/cp.v17i1.2583

Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, *3*(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01

Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting, Science and Practice*, *12*(1), 1-21. https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870

Fleitlich, B., Cortázar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Revista de Psiquiatria da Infância e Adolescência*, *8*(44), 44-50.

Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2021). Attachment theory and its place in contemporary personality theory and research. Em O. P. John & R. W. Robins (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 642-666). The Guilford Press.

Freisthler, B., Gruenewald, P. J., Tebben, E., Shockley McCarthy, K., & Price Wolf, J. (2021). Understanding at-the-moment stress for parents during COVID-19 stay-at-home restrictions. *Social Science & Medicine, 279*, 114025. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114025

Fuentes-Balderrama, J., Turnbull-Plaza, B., & Ojeda-García, A. (2023). Insecure attachment to parents as a contributor to internalizing and externalizing problem behaviors in Mexican preadolescents. *Trends in Psychology, 31*(1), 105-122. https://doi.org/10.1007/s43076-021-00125-8

Gil, A. C. (2019). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (7ª ed.). Grupo GEN.

Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 38*(5), 581-586. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E. & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Grupo A.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524. https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511

Iwanski, A., Lichtenstein, L., Forster, F., Stadelmann, C., Bodenmann, G., & Zimmermann, P. (2023). A family systems perspective on attachment security and dependency to mother and father in preschool: Differential and reciprocal effects on children's emotional and behavioral problems. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 20*(3), 1837. https://doi.org/10.3390/ijerph20031837

Jones, E. J., Feinberg, M. E., Graham-Engeland, J., Jones, D. E., & Schreier, H. (2021). A perinatal coparenting intervention: Effects on parent cardiometabolic risk and self-reported health. PsyArXiv. https://doi.org/10.31234/osf.io/4hfsg

Kim, S., Baek, M., & Park, S. (2021). Association of parent–child experiences with insecure attachment in adulthood: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Family Theory & Review, 13*(1), *5*8-76.https://doi.org/10.1111/jftr.12402

Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2007). Parental expressiveness as a moderator of coparenting and marital relationship quality. *Family Relations*, *56*(5), 467-478. https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2007.00474.x

Laxman D. J., Jessee A., Mangelsdorf S. C., Rossmiller-Giesing W., Brown G. L. & Schoppe-Sullivan S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: the role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior and Development*, *36*(2), 210-222. https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2013.01.001

Lee, J.-K., Feinberg, M. E., & Wells, M. B. (2020). The Swedish Brief Coparenting Relationship Scale: Psychometrics and concurrent validity among primiparous and multiparous fathers. *Scandinavian Journal of Psychology*, *61*(5), 679-690. https://doi.org/10.1111/sjop.12645

Little, R. J. A. (1988). A Test of Missing Completely at Random for Multivariate Data with Missing Values. *Journal of the American Statistical Association*, *83*(404), 1198-1202. https://doi.org/10.1080/01621459.1988.10478722

Machado, M. R., & Mosmann, C. P. (2020). Coparental conflict and triangulation, emotion regulation, and externalizing problems in adolescents: Direct and indirect relationships. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *30*(19). https://doi.org/10.1590/1982-4327e3004

Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, *15*(1), 3-21. https://doi.org/10.1037/0893- 3200.15.1.3

Marsanic, B. V., & Kusmic, E. (2013). Coparenting within the family system: Review of literature. *Collegium Antropologicum, 37*(4), 1379-1384.

McHale, J. P., & Lindahl, K. M. (Eds.). (2011). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems*. American Psychological Association.

McRae, C. S., Overall, N. C., Henderson, A. M. E., Low, R. S. T., & Cross, E. J. (2021). Conflict-coparenting spillover: The role of actors' and partners' attachment insecurity and gender. *Journal of Family Psychology, 35*(7), 942-953. https://doi.org/10.1037/fam0000884

Mosmann, C. P., Costa, C. B. da, Einsfeld, P., Silva, A. G. M. da, & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *34*(4), 487-498. https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005

Mosmann, C., Costa, C. B., Silva, A. G. B., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia, 26*(1), 429-442. https://doi.org/10.9788/tp2018.1-17pt

Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, *26*(3), 484-494. https://doi.org/10.1590/0103-656420140086

Noftle, E. E., & Shaver, P. R. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality, 40*(2), 179-208. https://doi.org/10.1016/j.jrp.2004.11.003

Nunes, C., Roten, Y., El Ghaziri, N., Favez, N., & Darwiche, J. (2021). Co-parenting programs: A systematic review and meta-analysis. *Family Relations, 70*, 759-776. https://doi.org/10.1111/fare.12438

Orben, A. (2020). Teenagers, screens and social media: A narrative review of reviews and key studies. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 55*(4), 407-414. https://doi.org/10.1007/s00127-019-01825-4

Orben, A., & Blakemore, S. J. (2023). How social media affects teen mental health: A missing link. *Nature, 614*(7948), 410-412. https://doi.org/10.1038/d41586-023-00402-9

Pan, B., Wang, Y., Zhang, J., Wang, J., Xiao, B., & Li, Y. (2025). Parental co-parenting quality, children's emotion regulation abilities, and prosocial behavior. *BMC Psychology, 13*(1), 635. https://doi.org/10.1186/s40359-025-02947-y

Papalia, D. E., & Martorell, G. (2021). *Desenvolvimento humano* (14ª ed.). AMGH.

Racine, N., McArthur, B. A., Cooke, J. E., Eirich, R., Zhu, J., & Madigan, S. (2021). Global prevalence of depressive and anxiety symptoms in children and adolescents during COVID-19: A meta-analysis. *JAMA Pediatrics, 175*(11), 1142-1150. https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.2482

Riina, E. M., McHale, J. P., & King, V. (2020). Bidirectional associations between coparenting and parental adjustment across time. *Family Process*, *59*(4), 1668-1684.

Saur, A. M., & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: Revisão da literatura. *Estudos de Psicologia (Campinas), 29*(4), 619-629. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400016

Sawyer, S. M., Azzopardi, P. S., Wickremarathne, D., & Patton, G. C. (2018). The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescent Health, 2*(3), 223-228. https://doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1

Sheftall, A., Schoppe-Sullivan, S., & Futris, T. (2010). Adolescent mothers' perceptions of the coparenting relationship with their child's father: a function of attachment security and trust. *Journal of Family Issues*, *31*(7), 884-905. https://doi.org/10.1177/0192513X09359892.

Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, *59*(5), 971-980. https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971

Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, *52*(3), 232-240. https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x

Talbot, J. A., Baker, J. K., & McHale, J. P. (2009). Sharing the love: Prebirth adult attachment status and coparenting adjustment during early infancy. *Parenting: Science and Practice*, *9*(1-2), 56-77. https://doi.org/10.1080/15295190802656760

Tomfohr-Madsen, L. M., Giesbrecht, G., Madsen, J. W., MacKinnon, A., Le, Y., & Doss, B. (2020). Improved child mental health following brief relationship enhancement and co-parenting interventions during the transition to parenthood. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(3), 766. https://doi.org/doi:10.3390/ijerph17030766

Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment, 88*(2), 187-204. https://doi.org/10.1080/00223890701268041

Young, M., Riggs, S., & Kaminski, P. (2017). Role of marital adjustment in associations between romantic attachment and coparenting. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies, 66*(2), 331-345. https://doi.org/10.1111/fare.12245

Zemp, M., Milek, A., Cummings, E. M., & Bodenmann, G. (2017). Longitudinal interrelations between dyadic coping and coparenting conflict in couples. *Journal of Child and Family Studies*, *26*(8), 2276-2290. https://doi.org/10.1007/s10826-017-0742-4

Zhang, J. (2024). The long-term effects of avoidant and anxious attachment styles in infancy on personality development and future relationships. *Lecture Notes in Education Psychology and Public Media*, *42*(1), 253-257. https://doi.org/10.54254/2753-7048/42/20240641

Zhao, F., Wu, H., Li, Y., Zhang, H., & Hou, J. (2022). The association between coparenting behavior and internalizing/externalizing problems of children and adolescents: A meta-analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 19*(16), 10346. https://doi.org/10.3390/ijerph191610346

Zvara, B. J., Altenburger, L. E., Lang, S. N., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2019). The role of coparenting in the association between parental neuroticism and harsh intrusive parenting. *Journal of Family Psychology*, *33*(8), 945-953. https://doi.org/10.1037/fam0000555

Contribuição de autores (Taxonomia CRediT): 1. Conceitualização; 2. Curadoria de dados; 3. Análise formal; 4. Aquisição de financiamento; 5. Pesquisa; 6. Metodologia; 7. Administração do projeto; 8. Recursos; 9. Software; 10. Supervisão; 11. Validação; 12. Visualização; 13. Redação: esboço original; 14. Redação: revisão e edição.

C. P. M. contribuiu em 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14; L. D. C. E. em 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9,10, 11, 12, 13, 14; A. L. C. S. em 2, 5, 13; L. E. B. em 2, 5, 13; G. da S. M. em 2, 5, 13; T. V. P. em 2, 5, 13, 14.

Editora científica responsável: Dra. Cecilia Cracco.